

Coordenação:

Dr. Héctor Ricardo Leis

Vice-Coordenação:

Dr. Selvino J. Assmann

Secretaria:

Liana Bergmann

Editores Assistentes:

Doutoranda Marlene Tamanini

Doutoranda Sandra Makowiecky

Doutorando Sérgio Luiz Pereira da Silva

Doutorando Fernando Oliveira Noal

Linha de Pesquisa
ORGANIZAÇÃO HUMANA E IDENTIDADE SOCIAL
ALAN ÍNDIO SERRANO

**ESTUDO SOBRE EXPLICAÇÕES DO SENSO COMUM ACERCA DE FATOS DA VIDA PSÍQUICA:
Representações Sociais do Subconsciente, da Regressão e da Parapsicologia**

N16-abril – 2001

Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas

A coleção destina-se à divulgação de textos em discussão no PPGICH. A circulação é limitada, sendo proibida a reprodução da íntegra ou parte do texto sem o prévio consentimento do autor e do programa.

**ESTUDO SOBRE EXPLICAÇÕES DO SENSO COMUM
ACERCA DE FATOS DA VIDA PSÍQUICA:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SUBCONSCIENTE, DA REGRESSÃO
E DA PARAPSICOLOGIA**

ALAN ÍNDIO SERRANO*

RESUMO

Avalia-se e contextualiza-se publicações destinadas à divulgação da parapsicologia, em Santa Catarina. Estuda-se os discursos de dez pessoas que simultaneamente procuraram tanto atendimento psiquiátrico quanto ajuda de pessoas ligadas a tais divulgações. Como exercício acadêmico aplica-se o método analítico de Serge Moscovici ao que os pacientes denominam “parapsicologia”. Encontra-se, conclusivamente, uma representação social. Discute-se suas formas e seus vínculos à hipnose, ao mesmerismo e a outras representações sociais, bem como algumas de suas funções psicossociais.

PALAVRAS-CHAVE: Psiquiatria, parapsicologia, hipnose, funções psicossociais, representações sociais, subconsciente .

Notas sobre o autor:

* Médico Especialista em Psiquiatria, Mestre em Psicologia, Aluno do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas / UFSC.

ESTUDO SOBRE EXPLICAÇÕES DO SENSO COMUM ACERCA DE FATOS DA VIDA PSÍQUICA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SUBCONSCIENTE, DA REGRESSÃO E DA PARAPSICOLOGIA

Introdução

Explicar pela parapsicologia uma variedade de fatos da vida psíquica é algo relativamente comum, se nos dedicarmos a ouvir relatos de pacientes que freqüentam, simultaneamente, consultórios psiquiátricos e gabinetes de pessoas que se apresentam como parapsicólogos. É sobre estas explicações da vida, como representação social, que nos debruçamos ao fazer o presente estudo. Ele passa por um prólogo sobre a hipnose e outro sobre o que se chama de “paranormalidade”, enveredando depois para a aplicação dos conceitos da teoria das representações sociais aos discursos escritos e orais estudados. Ao final, comentamos alguns dos achados. Neles, buscamos entender algumas de suas funções, do ponto de vista psicológico, tanto individual quanto social.

I. Fenômenos Hipnóticos e Medicina

Pessoas influenciando objetos à distância, a utilidade desta influência na cura de doenças, a hipnose como meio de exercê-la: três idéias historicamente imbricadas. Mesmo William James¹ dedicou-lhes atenção, em 1890, nos seus *Princípios de Psicologia*, ao citar casos atendidos por Pierre Janet e no capítulo sobre o hipnotismo, onde ele conclui ser o fator sugestivo a base de todo transe “magnético ou mesmérico”.

No início do século XVII van Helmont e Maxwell já escreviam sobre a existência de um “fluido universal” responsável pela influência do homem sobre a matéria sem tocá-la direta ou indiretamente.

Anton Mesmer, que viveu entre 1734 e 1815, desenvolveu um amplo movimento na Europa, chamado de “magnetismo animal”, mais tarde conhecido como “mesmerismo”, no qual pregava haverem propriedades semelhantes às do magneto no corpo dos animais e do homem. Modelo do charlatanismo moderno, Mesmer ganhou fama e dinheiro, mas também ganhou a condenação acadêmica e pública, tanto em Viena como em Paris.

Outros charlatões famosos em toda a Europa, como Grahnan, Cagliostro, Puysegur, dedicavam-se à “medicina dos magnetos”, à sugestão hipnótica, à extorsão e à fraude, como nos relata Alexander².

James Braid, cirurgião de Manchester, já em 1843, interessou-se pela investigação científica da hipnose, precedendo outros médicos e psicólogos.

Os transe hipnóticos e a sugestão pós-hipnótica - onde reside a influência sobre o paciente e a hipóteses de cura - chegaram ao auge da atenção médica no trabalho de Jean Martin Charcot (1825-1893), psiquiatra da Salpêtrière, Paris. Daí para a frente declina a influência dos “sistemas magnéticos” e a hipnose passa a ser vista, cada vez mais, como

¹ James, W. (1971). *The Principles of Psychology* (19^aed.). Chicago: Encyclopædia Britannica. p.248-257, p.836-850.

² Alexander, F. (1980). *História da Psiquiatria* (2^a ed.). São Paulo: IBRASA. p.179.

simples fenômeno psicológico de sugestão. Liebault em Nancy, Charcot em Paris, Becheterew na Rússia e Forel na Alemanha levam a psiquiatria a admitir conclusões descobertas na investigação da prática hipnótica³ influências psíquicas podem criar modificações transitórias no corpo da pessoa hipnotizada; há processos inconscientes; há fenômenos hipnóticos que têm analogia com transtornos neuróticos.

Após estágio com Charcot, Freud dedicou atenção ao estudo do hipnotismo e da sugestão. Nutria dúvidas sobre a validade do método e reconhecia suas limitações na prática da clínica. Reconheceu que o ato de hipnotizar criava uma relação especial entre o médico e o paciente. Aprofundando o estudo da relação entre médico e paciente Freud descartou a hipnose e evoluiu para o estudo da catarse, da livre-associação, e logo da transferência, entrando no desenvolvimento da psicanálise. Ao redor de 1900 esboça-se na obra de Freud uma concepção figurada de “aparelho psíquico” integrado pelos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente. Já em 1896, Freud não usava a hipnose para fins terapêuticos. A medicina, em geral, o acompanhou.

II. A Paranormalidade no Mundo Positivista

Grande parte dos autores de livros de parapsicologia falam de hipnose numa linguagem prévia à de Charcot, evitando o desenvolvimento do tema no sentido que Freud lhe deu. Vêm na hipnose não só uma questão de sugestão, mas também a possibilidade de criar ambiente favorável para comunicações telepáticas e influências físicas que guardam semelhança com as pregadas por Mesmer. O tcheco Mylan Rizl, por exemplo, inicia seu principal tratado descrevendo fenômenos típicos ocorridos sob hipnose. Abruptamente pula à conceituação dos fenômenos ligados a médiuns, “psíquicos” e “sensitivos” e centra neles o objeto de sua disciplina: a “parapsicologia teria como tarefa trazer a Percepção Extra-Sensorial regularmente sob controle”⁴ como também outras capacidades paranormais. Ela lidaria, então, com o paranormal, no sentido simples do termo: o além do normal, o inusitado, “fora do conjunto dos fatos normais”, além do explicável pela psicologia e pela psicanálise. Paranormal não deveria ser confundido com “sobrenatural”, adverte Andrade⁵.

Se definir o “normal”⁶ já é problemático na medicina⁷ e na psicologia⁸, a definição de “paranormal” tem levado a labirintos epistemológicos sem saída⁹. Por isso os autores da parapsicologia têm namorado desde métodos francamente positivistas e estatísticos, até métodos confessadamente místicos.

Charles Richet, no fim do século passado, interessou-se por fenômenos estranhos ocorridos em casas ditas “mal-assombradas”, milagres e reuniões religiosas, criando a hipótese de que o ser humano teria um sexto sentido¹⁰ não usado pela maioria das pessoas e

³ Guardo, R.M. (1974). **De Freud a Fromm** (4^a.ed.). Buenos Aires: Ciordia. p.14.

⁴ Rizl, M. (1979). **Parapsicologia Atual: Fatos e Realidade - A grande Força da Percepção Extra-Sensorial** (2^a.ed.). São Paulo: IBRASA. p.227.

⁵ Andrade, H.G. (1967). **Parapsicologia Experimental**. São Paulo: Ed.Calvário. p. 1.

⁶ Canguilhem, G. (1990). **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

⁷ Kloetzel, K. (1975). **Clínica Médica - Raciocínio e Conduta**. São Paulo: EPU. p.80.

⁸ Guilford, J.P. (1942). **Fundamental Statistics in Psychology and Education**. Nova Iorque: Mc Graw-Hill. p.77.

⁹ Bachrach., A.J. (1975). **Introdução à Pesquisa Psicológica** (4^a.ed.). São Paulo: E.P.U. p.24-26.

¹⁰ Musso, J.R. (1965). **En los Límites de la Psicología - Desde el Espiritismo hasta la Parapsicología**. Buenos Aires: Paidós. p.280.

que explicaria poderes mediúnicos e milagrosos. Nesta mesma trilha Crookes¹¹ desenvolveu a hipótese de existir uma força “psíquica” especial em algumas pessoas dotadas de organização nervosa especial, capaz de exercer ações físicas à distância, sem contato muscular, sobre objetos ou outros seres vivos. Vê-se neste imaginário outro “magnetismo animal”, agora explicado como produto de estruturas neuro-anatômicas.

Chamada de “fenomenologia metapsíquica”, em 1882, a parapsicologia foi definida por Richet em quatro períodos históricos. Teria havido um período místico, até Mesmer (1776), um período “magnético”, de Mesmer até as irmãs Fox, fundadoras do espiritismo norte americano (1847); um período “espirítico”, das Fox a William Crookes (1872); e um período “científico”, que Richet busca desenvolver, consoante com o mundo darwiniano e comteano de seu tempo. É em nosso século que Joseph Banks Rhine tenta aplicar o método estatístico ao estudo dos fenômenos paranormais em laboratório, passando a ser considerado o pai da parapsicologia experimental. Suas pesquisas não tiveram muito valor conclusivo, apesar de haver um mito corrente de que os governos norte-americano e soviético teriam financiado importantes pesquisas secretas na área, de resultados jamais divulgados. Mesmo usando técnicas estatísticas e de planejamento sofisticadas, na Carolina do Norte e outros locais, a parapsicologia continuou sendo considerada pela quase totalidade dos cientistas como uma área fora do domínio de investigação científica¹². A ortodoxia metodológica não condena os dados observados, não os nega, mas não pode considerá-los confiáveis, uma vez que diferentes observações, feitas sob controle, mostram-se incoerentes e não replicáveis.

O que parece excluir a parapsicologia do corpo das ciências, porém, explica o metodologista Bachrach, é sua pressuposição inicial de eventos paranormais, ilustrada na expressão extra-sensorial”. As pesquisas acadêmicas nesta área, de pouco sucesso, foram orientadas pela suposição prévia da existência de paranormalidade. Bachrach reflete que, quando pessoas relatam visões, o mais adequado seria começar a investigação por um exame completo da percepção normal destes indivíduos, sem ignorar as explicações mais econômicas, antes de formular uma teoria complexa e metodologicamente pouco provável.

Quevedo¹³ coletou, no Brasil, muitas descrições de supostos casos de telepatia (transmissão de pensamento), precognição (adivinhações), levitação (erguer-se do chão contra a lei da gravidade), ectoplasmia (aparecimento de substâncias sem explicação clara de sua origem), telecinesia (movimentação de objetos sem toque observado), fotogênese (aparecimento de luzes, sem fontes visíveis), tiptologia (pancadas e sons não explicados pelo ambiente), milagres, fraudes, truques e outros casos insolúveis, juntando extenso material. Seu trabalho tem uma obsessão pelo desmascaramento do charlatanismo e dos truques de prestidigitação, usando linguagem de tom positivista para mostrar que fenômenos tidos como religiosos em centros espíritas poderão vir a ser entendidos como temas de pesquisa científica. O discurso positivista, que foi o traço mais distinguidor da psicologia e das ciências do século XX tem sido uma ortodoxia empenhada na luta ideológica contra o misticismo, na qual se empenhavam, nas décadas de sessenta setenta, ou autores da parapsicologia, como diz Souza, procurando leis naturais que substituiriam a superstição¹⁴.

¹¹ Id. Ibid. p. 291.

¹² Bachrach, A.J. (1975). Ibid. p.24.

¹³ Quevedo, O. G. (1972). **A Face Oculta da Mente**. (22^a ed.). São Paulo: Ed. Loyola.

¹⁴ Souza, D. (org) (1979). **Psicologia à Luz do Espírito**. Santa Maria: Imp. Universitária. p.30.

Quevedo define a parapsicologia como “a ciência que tem por objeto a constatação e a análise dos fenômenos à primeira vista inexplicáveis, mas possivelmente resultados de faculdades humanas”. E a vê como experimental, visando “separar as alucinações da fraude e dos fenômenos reais ou aparentes”¹⁵. Nesta visão os fenômenos paranormais seriam “espontâneos”, “irreproduzíveis à vontade”, incontrolláveis, mas matematicamente comprováveis. Ficam assim definidos, pois, os objetos de estudo da parapsicologia brasileira clássica, quevediana. Eles podem ser:

- a) De efeitos psíquicos (telepatia, precognição, por exemplo).
- b) De efeitos ou de influxos do psiquismo sobre a matéria (levitações, garfos torcidos pela concentração mental, etc..).
- c) Mistos ou psicofísicos (ocorridos geralmente em ambientes de curandeirismo, feitiçaria ou faquirismo).

Ansiando por bases científicas para o inexplicado, que dá origem à superstição religiosa, Quevedo afirma que “o tempo é já de não negar nem afirmar em nome da ciência sem prévio estudo especializado”¹⁶ e participa de uma crença otimista, comum aos parapsicólogos da década dos setenta, “de que o campo deles poderá tornar-se um dia a ciência mais importante de todas”¹⁷. Este otimismo, divulgado em centenas de palestras ao longo do país, deixou adeptos e entusiastas. Sendo jesuíta e fazendo a luta apologética do catolicismo contra o espiritismo, Quevedo, como o Frei Boaventura de Kloppenburg e outros religiosos, precedeu o aparecimento de discursos e de representações sociais baseados nas imagens e no vocabulário da parapsicologia.

III. Bases da Teoria das Representações Sociais

Por “representações sociais” entendemos o conceito psico-sociológico definido por Serge Moscovici, de uma modalidade de conhecimento montada pelo senso comum, socialmente compartilhada e prática. É um saber popular, não das ciências ou dos universos reificados. Representações sociais, são pois, conjuntos de conceitos, afirmações e explicações originadas no quotidiano, em comunicações inter-individuais, equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais¹⁸. Na sociedade contemporânea, onde o bombardeio de informações ultrapassa a experiência vivida pelas pessoas, não havendo como avaliar o que recebem¹⁹, as representações sociais são geradoras de práticas sociais. Indispensáveis, portanto, para a compreensão da dinâmica social²⁰.

No bombardeio de informações moderno, o indivíduo apega-se a representações sociais que o ajudem a dar sentido imediato a suas experiências, colocando-as dentro de uma moldura que as torne familiares. Mas, “em outro nível, as representações sociais são retóricas públicas usadas por grupos para engendrar coesão e manipulação em relação a

¹⁵ Quevedo, O. G. (1968). **As Forças Físicas da Mente**. Vol. I. São Paulo: Loyola. p.33.

¹⁶ Id. Ibid. p. 32.

¹⁷ Rizl, M. (1979). Ibid. p.227.

¹⁸ Moscovici, S (1981). On Social Representations. In Forgas, J.P. **Social Cognition** - Perspectives on Everyday Understanding. London: Academic Press. p.181.

¹⁹ Chauí, M. (1994). **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática. p.92.

²⁰ Abric, J.C. (1994). **Pratiques Sociales et Représentations**. Paris: Presses Universitaire de France. p. 18.

outros grupos”²¹. Sendo fenômenos relacionados a processos grupais, podem se desgastar e perder a credibilidade. Por isso mudam através dos tempos, na busca de um nível de credibilidade ótimo. Novas representações sociais podem aparecer, ancoradas em outras mais antigas, por mostrarem-se mais capazes de manipular fatos e interpretá-los²². Podem também se manter vivas, em atividade ou latentes, por muitos anos.

IV. Materiais e Métodos Usados

Estudamos livros escritos por pessoas de Florianópolis e adjacências que dizem ser parapsicólogos, bem como outros materiais de sua autoria, como fitas cassete e gravações publicadas por telefone (Disque-Parapsicologia).

Fizemos dez entrevistas não estruturadas com pessoas de Florianópolis e adjacências que foram a consultório psiquiátrico em busca de tratamento por transtornos neuróticos (seis), transtornos leves de humor (duas), e psicose latente (duas). Estes entrevistados não tinham relações entre si. Todos já freqüentaram um ou mais locais de prática de atividades ditas explicitamente “parapsicológicas”. Não consideramos incluídas nestas práticas qualquer tipo de ritual religioso, como os de centros espíritas, de umbanda ou candomblé e nem práticas místicas como as de sortistas ou adivinhos. Observamos em nossa prática clínica ser bastante freqüente que pacientes relatem terem freqüentado cursos ou “clínicas” de parapsicologia e terem feito tratamentos com parapsicólogos, em ambiente laico.

Analizamos este material sob a ótica moscoviciiana, aplicando os conceitos da teoria das representações sociais, ao mesmo tempo que buscamos contextualizar os temas surgidos com autores clássicos das áreas envolvidas.

V. Análise dos Discursos

Chama a atenção o fato de que as práticas descritas pelos pacientes entrevistados contêm elementos típicos da hipnose (relaxação, transe e sugestão), sob outros nomes.

“- *Consultei um que me fazia deitar e relaxar, me mandando soltar os músculos de todo o corpo, parte por parte. Eu gostava disto, quase dormia, saía tranqüila. Mas o meu problema mesmo ele não resolveu. Não vou dizer que eu não volte mais lá. Preciso do médico, mas ir lá na parapsicologia também era bom.*”²³.

Neste discurso nota-se que a paciente esperava que “ele” resolvesse seu problema, colocando-se numa postura de expectativa e sujeição. Entende a diferença, por outro lado, entre o prazer do momento da relaxação e o que ela chama de resolução do seu problema.

“- *Na época me ajudou muito eu ter ido lá, pois ele me elogiava e dizia coisas bonitas de mim, quando me fazia ficar com o corpo todo mole, me mandava repetir em casa os exercícios... Eu pensava muito nele, naquele tempo. Daí me fez regressar. Eu fiquei com medo, porque era católica e isto de ir para outra vida anterior é coisa de espírita. Parei de ir*”.

²¹ Breakwell, G.M. (1993). Social Representation and Social Identity. Papers on Social Representations, vol.2(3)-198-217. p.199.

²² Id. Ibid. p. 01.

²³ Serrano, A. I. (1995). Entrevistas de Dez Pacientes sobre Parapsicologia (Arquivo Pessoal). Florianópolis.

A sedução, presente nos ambientes propícios à hipnose, estudada por Freud²⁴ demonstra, aqui, exemplarmente, seu poder e seus limites. No caso desta paciente, o grupo mais enraizado era o mais antigo, o da igreja em que foi criada, produtor de velhas representações sociais que poderiam ser abaladas pelas posteriores.

*“- Me faziam voltar lá sempre, queriam me hipnotizar, não acontecia nada, mas sempre queriam que eu voltasse. Me levaram muito dinheiro, pois nem sei quantas vezes fui lá”*²³.

Mesmo sem o transe, nos ambientes propícios à hipnose, os hipnotizadores são objetos pregnantes, aos quais se presta mais atenção e diante dos quais as pessoas se colocam em humilde sujeição. Amor, ódio, ambivalência, luta para não se influenciar pelo grupo são momentos deste jogo psicológico. O paciente gastou, a ponto e arrepende-se ao se distanciar do ambiente.

Outro tema que se repete com frequência é o da “regressão”, tida como volta temporária a estágios anteriores da vida individual, como meta do “tratamento”, a qual teria propriedades de resolver “problemas” e “complexos”. A “concentração” e a “força de vontade” são vistas como qualidades individuais que propiciam a regressão. O “subconsciente” seria o locus do desconhecido e do incontrolado do ser humano e é outro pilar fundamental nesta representação social.

“- Se eu conseguisse fazer a regressão eu resolveria o meu problema, mas eu não consigo me concentrar. Concentração é tudo na vida ! Tenho raiva de mim, porque sempre fui assim, não me concentro para nada. O parapsicólogo me explicou que eu preciso de mais força de vontade”.²³

“- A gente tem que resolver os complexos da gente chegando lá, descobrindo quais são eles. Sem saber quais são a gente não pode tratar. O tratamento com parapsicólogo eu acho que é para descobrir os complexos”.²³

“- Já regredi umas quinze vezes, acho. O pessoal da parapsicologia me botava deitada e me fazia a regressão. Às vezes até sentada numa cadeira. Fui às minhas outras vidas, à infância, ao tempo de Cleópatra. Mas deixei de acreditar neles porque cada vez que eu regredia era diferente não dava uma seqüência, parecia que cada vez eu era outra pessoa. Assim eu nunca consegui chegar no meu complexo. Acho que eles não sabiam fazer direito. Ou eu não me entreguei certo. Ainda vou conseguir, um dia”.²³

“- Nunca falei isto com a mãe. Mas eu sei que tudo o que me faz sofrer vem de minha mãe. Ela me rejeitou quando soube que estava grávida de mim. Tudo isto já foi comprovado. É aí que tudo começou, para mim. Eu já fiz regressão, por isso sei destas coisas, que estiveram no meu subconsciente tanto tempo. Eu tenho que tirar as coisas ruins de lá”.²³

A literatura de divulgação desta parapsicologia tem uma linguagem repetitiva, onde os raciocínios não levam a conclusões para passar a novos assuntos. Retornam constantemente a premissas, dando-as por resolvidas. O tom é de autodidatismo e de colagem, adequado à “sociedade dos pensadores amadores” que Moscovici descreve. O livre-opinador não esbarra nas restrições que o especialista encontra ao desbastar temas sob o crivo da epistemologia. Por isso os textos da “parapsicologia” exortam e buscam convencer pela sedução e pela repetição, consoantes com o método hipnótico, como o fazem muitos discursos religiosos e políticos.

²⁴ Freud, S. (1976). **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego**. Rio de Janeiro: Imago. p. 63.

Um destes livros aborda, segundo sua prefaciadora, “*medos, pressentimentos, previsões, visões, sensações de formigamento, de alongamento ou inchamento do corpo, de sair e ver-se fora dele; sonhos que se realizam, claros ou confusos; percepções telepáticas, audição de vozes inexistentes; sons ou ruídos sem causa visível; sorte ou azar e inúmeros outros fenômenos ...*”.²⁵

Nesta definição do objeto estudado há uma ampliação dos temas da parapsicologia para dentro das fronteiras da neurologia, da psiquiatria e da psicologia, fugindo dos limites estabelecidos por Rhine, Quevedo e outros autores que buscavam uma abordagem científica na parapsicologia.

Para Moscovici, passar do nível de ciência ao nível das representações sociais implica uma descontinuidade, um salto de um universo de pensamento e de ação a um outro, e não uma continuidade, uma variação de mais ou menos²⁶. Esta ruptura gera um enfraquecimento da lógica ou da razão que é sentida pelos divulgadores de uma representação social. Reafirmar sua cientificidade, é pois, estratégico para a conservação da representação, Veja-se o texto:

“A parapsicologia como ciência, foi buscar uma explicação natural para estes misteriosos fenômenos”... “Se a parapsicologia não encontrasse uma explicação natural perderia seu papel de ciência, pois só é científico aquilo que possui leis naturais...” como qualquer ciência, os primeiros passos da pesquisa se deram na busca de fatos...²⁷. “Por isso afirmamos convictamente ser a Parapsicologia a ciência do ser humano no novo milênio e da nova era. E o ser humano, como condutor da história, desperto e equipado pelas grandes descobertas parapsicológicas, construirá uma nova realidade”²⁸.

O reconhecimento do mundo oficial à ciência se dá por garantia de verbas. A parapsicologia é, pois, apresentada como algo que tem “sua fatia específica nos orçamentos das nações desenvolvidas e nas universidades mais famosas da Europa e da América do Norte”²⁹.

Na fronteira entre hipnose e a psicanálise é que historicamente se elaborou o conceito de uma instância inconsciente, dinâmica, com leis próprias e determinante da vida psíquica. Dizer que a consciência é um estado fugaz e que o consciente é determinante significa romper com a psicologia acadêmica do século XIX e defrontar o homem com uma religião interior obscura e assustadora. Entre o fascínio e a repulsa que este desconhecido exerce surgem os candidatos à sua administração. Naturalmente serão mal compreendidos:

“Todo este trabalho fez com que os parapsicólogos - o cientista da Parapsicologia - como todo cientista pioneiro, fosse visto como esquisito caçador de fantasmas; e a Parapsicologia como bruxaria”³⁰.

Para Moscovici, uma representação social é a organização de imagens e linguagem “... apreendida a título de reflexo, na consciência individual ou coletiva”³¹. Mas este reflexo, esta reprodução, “*implica um remanejamento de estruturas, uma remodelação dos*

²⁵ Grisa, P.A. (1990). **Paranormalidade para Todos**. (3ª ed.). Florianópolis: EDIPAPPI. p.13.

²⁶ Moscovici, S. (1978). **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. p.26.

²⁷ Grisa, P.A. (1990). Ibid. p.19.

²⁸ Id. Ibid. p. 29.

²⁹ Id. Ibid. p. 20.

³⁰ Id. Ibid. p. 19.

³¹ Moscovici, S. (1978) Ibid. p.25.

elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras, de que ele se torna, doravante, solidário".³²

É assim que o "consciente" é visto na representação social que estamos estudando, com atributos funcionais e teleológicos ausentes da noção freudiana de consciente:

"O consciente... funciona para que? Funciona para se pensar, analisar, comparar, compreender; decidir-se, orientar-se; avaliar, julgar... fazer, enfim, aquilo que os bichos não fazem. Se é o Consciente que faz o ser humano ser gente, quando é que o ser humano age plenamente como gente? Quando pode fazer três afirmações: 1) Sei o que faço. 2) Quero fazer".³³

As representações sociais esforçam-se para tornar algo desconhecido em algo familiar, criando uma linguagem que coloque cada um "em casa", onde o irreconhecível é amoldado a uma categoria reconhecida"³⁴. Na objetificação, algo pensado se transforma em algo que existe na natureza, dando a uma abstração características quase físicas, visíveis, tangíveis.

"O subconsciente funciona como um robô invisível, mas nem por isso menos real. Robô invisível, criado para ser "servomecanismo" do Consciente, da função Consciente racional do ser humano, mas que, depois do programado, torna-se independente e autônomo. Não é só automático como máquina, torna-se autônomo como ser independente". "... atua muitas vezes como se fosse uma espécie de inimigo do, da Razão".³⁵

Materializado o abstrato em palavras, o que era conceito equivale à imagem. A idéia cria um aspecto icônico que propiciará a montagem de todo um modelo de pensamento - a representação social - ligando várias palavras, daqui por diante, à idéia de "subconsciente":

"O subconsciente, depois e programado, move a realidade, produz resultados práticos" "... tão práticos com a saúde e a doença, o sucesso e o fracasso, a pobreza e a riqueza o amor e o desencontro... É a descoberta da Lei da Criação, lei cósmica, a maior lei que comanda o Universo".³⁶

Ancorado e objetificado, o conceito que antes era abstrato e agora é praticamente físico, é trazido a um esquema de referência popular, simples, onde ser comparado, interpretado e trazido sob controle. A idéia de "programar", usada na informática, na inteligência artificial, implica em ausência de consciência, implica justamente em controle, domínio sobre um objeto.

Nas representações sociais as conclusões têm primazia sobre as premissas, o veredicto sobre o julgamento. Faz-se um juízo sobre um tema como o "subconsciente" e prossegue-se confirmando a imagem criada. Conclusões que não decorrem das premissas fazem parte do corpo organizado da representação social, como é o caso da "lei que comanda o Universo", sem mediações que possibilitem reflexão, numa causalidade que economiza pensamentos. A representação não demonstra um raciocínio: ela o afirma apenas.

³² Id. Ibid. p. 26.

³³ Grisa, P.A. (1990). Ibid. p.30.

³⁴ Moscovici, S. (1981). **On Social Representations**. In Forgas, J.P. Ibid. p.189.

³⁵ Grisa, P.A. (1990). Ibid. p.32.

³⁶ Id. Ibid. p. 33.

Moscovici aponta um animismo às avessas que, desde o surgimento da mecânica tem nos enfeitado, onde objetos têm sido feitos para servirem como operadores. *“Levando-se em conta a predileção de nossa cultura por objetos, somos induzidos a objetificar tudo que caia em nossa mão ou em nosso escopo de visão. Mas nossa cultura também personifica sentimentos, classes sociais, as grandes nações...”*³⁷. Ao dizer-se, nos textos de parapsicologia que “o semelhante da mente atrai”, atribui-se a este “semelhante” uma característica objetiva e personificada, como aliás, ocorre com outros conceitos:

“O que se cria na mente (subconsciente) torna-se realidade...”. *“Só se expressa no exterior o que já é interior...”* *“Os semelhantes se atraem ...”*³⁸ *“A parapsicologia descobre que não só encontra a cobra, durante o piquenique, aquele-que-tem-medo-de-cobra, mas também aquele-que-se-sente-herói ao caçar a cobra. Descobre-se também que havia uma razão para: “mais uma vez ganhou a rifa que não precisava”*³⁹. *“Não encontra a cobra quem tem medo, e sim quem possui uma imagem forte na mente”*... *“E ganha na rifa aquele que tem mente (subconsciente)”*, *“é fácil-para-mim-conseguir-as-coisas”*; *e consegue ganhar mais uma, pelo fácil caminho da rifa. E de forma “automática”*. *“O semelhante da mente atrai o semelhante da realidade”*⁴⁰.

O conceito de “imagem mental” adquire aspecto de realidade física capaz de interagir com outras realidades físicas e transformar o ambiente sem mediadores e sem trabalho. O conceito abstrato naturaliza-se. *“Assim, através de um tipo de lógica imperativa, em vez de serem elementos do pensamento, figuras são transportadas para dentro dos elementos da realidade”*⁴¹. Outro exemplo:

“Stelita poderia ter mudado a imagem, por exemplo, através de um desafio - ‘Eu não irei casar com um bêbado. À medida que este desafio fosse programado, tornando-se uma convicção, ela criaria uma nova imagem que passaria a mover a realidade e atrair um homem diferente. E mais (eis o fantástico da descoberta); poderia mudar o comportamento do marido atual - respeitada a lei cósmica da harmonia”.⁴²

Nesta representação social o subconsciente é um fenômeno como os fenômenos materiais atestados, e não uma construção teórica, uma convenção operacional. À palavra é atribuído um valor de signo e, mais do que isso, ela vira manifestação ostensiva do real. O mundo é tomado ingenuamente como se fosse exatamente o que se vê, sem sistemas de deduções indiretas. A representação social transmite uma impressão “de um conhecimento imediato, ou de um contato direto”⁴³, como diz Gibson, citado por Moscovici. Eis o exemplo:

“Pois a sugestibilidade era vista, até pouco tempo, como uma fraqueza. Mas a Parapsicologia descobre que ser sugestível é possuir uma capacidade mental muito importante”. Quem é sugestível possui uma facilidade maior para programar o subconsciente. E... o que programamos ... ele faz tornar-se realidade. Como? Não importa. Ele sempre dá um jeito. Tanto que ele deu um jeito de trazer pererecas para dentro dos muros de sua mansão [o parapsicólogo está se dirigindo a uma senhora que tinha medo de pererecas, rãs]. Não me diga que é meu Subconsciente que traz estes malditos batráquios

³⁷ Moscovici, S. (1981). Ibid. p. 202.

³⁸ Grisa, P.A. (1990). Ibid. p.33.

³⁹ Id. Ibid. p. 34.

⁴⁰ Id. Ibid. p. 34.

⁴¹ Moscovici, S. (1981). Ibid.

⁴² Grisa, P.A. (1990). Ibid. p. 35.

⁴³ Moscovici, S. (1978). Ibid. p. 112.

*para minha casa? É isso mesmo. O medo cria uma imagem forte, viva em sua mente subconsciente. E o subconsciente - que funciona como um robô faz tudo - executa a programação realizada pela imagem forte e viva que seu medo imprime nele. A grande descoberta da Parapsicologia é exatamente esta - não é o medo que atrai, e sim a imagem forte e viva que se imprime em nosso subconsciente”.*⁴⁴

Como matéria prima para manter a coesão do grupo de seguidores e de fregueses, o divulgador valoriza a sugestionabilidade. Ao transformar o atributo ruim em atributo bom, monta-se uma sensação de reconhecimento do bom que há no cliente. Ocorre uma esperança de felicidade. O cliente pode, agora, mudar, ser feliz, sendo a mesma pessoa de sempre, sem mudar, sendo sugestionável. Além disso, partilhará de uma linguagem moderna, adequada à época da robótica, da informática e da ciência. Precisa, pois, entrar no grupo, aprendendo uma comunicação composta de rituais e palavras:

*“... Mas sim a própria pessoa [precisa aprender a] suggestionar-se para tudo aquilo que deseja de bom para a sua vida”. “Como fazer isso? - Primeiro conhecendo como sua mente funciona, através de cursos, leituras e outros meios. Depois praticando exercícios de treinamento mental e programação do Subconsciente: técnicas de repetição, relax, fitas, livros especiais...”*⁴⁵

Uma vez compartilhando do grupo, ou em “tratamento”, o cliente pode ter esperanças em cima de promessas bem definidas, com tempo pré-determinado, mas dilatável. Para libertar-se do medo de pererecas, por exemplo, a pessoa” poderia levar algum tempo, dois ou três meses ou mais”... “Após três aulas particulares de parapsicologia, explicando como funciona a metodologia parapsicológica em tais casos e mais duas sessões de reprogramação do subconsciente a Dra. Bianca estava livre e sem medo.: nunca E o mais interessante mais recebeu visita de batráquio algum. Milagre? Não, mais uma prova de que ‘o que se cria na mente torna-se realidade’^{46”}.

Outra base da representação social é a idéia de “energia”. Os pacientes entrevistados trazem uma idéia de energia como algo material que atua sobre o corpo ou sobre partes dele, geralmente incontrolável pela vontade humana e que causa tanto doenças quanto saúde. A representação usa vocabulário assemelhado e inspirado na eletricidade, como modelo. A manipulação de energia seria atributo de técnico especializado ou com poderes mágicos.

*“- Eu sofro de energias negativas sobre meu cérebro. Já me disseram que eu tenho um desvio das energias”*²³.

*“- Me dê algum remédio que aumenta as energias. Já fui a um médico parapsicologista, mas ele não dá remédios, só tentou me passar energia pelas suas mãos”*²³.

*“- Eu preciso aprender a por energia positiva no que faço. Hoje eu sinto que precisaria de um balde de energia. Ele sim, é um homem de grande poder para mexer com energias. Já nasceu com o dom. Ele tem tanta energia que pode mumificar coelhos só com a sua concentração, estendendo a mão”*²³.

*“- Ele parece que transmite uma energia só de olhar para a gente. Cruzes, deve ter estudado muito para chegar lá. É um eletricitista do corpo astral, toca na alma energética”*²³.

⁴⁴ Grisa, P.A. (1990). Ibid. p.36.

⁴⁵ Id. Ibid. p.36.

⁴⁶ Id. Ibid. p.37.

“[A sugestionabilidade]... é uma espécie de energia mental que pode ajudar a construir; como também pode prejudicar. Como qualquer outra energia, produz efeitos positivos ou negativos conforme for direcionada”⁴⁷.

Ao lado da idéia de “energia” vem uma idéia de “ondas cerebrais”. Moscovici mostrou como as pessoas tendem acoplar as palavras nas coisas, produzindo uma flexibilidade cognitiva, onde uma imagem tem uma “contrapartida material”⁴⁸. A noção de ondas cerebrais vem da neurofisiologia, pelo registro de atividades bioelétricas do cérebro sobre uma folha de papel, no eletroencefalógrafo. Pela amplitude e freqüência das ondas desenhadas pelas linhas de tinta no papel, denomina-se as mesmas de alfa, beta, gama ou teta. As “ondas cerebrais” tornam-se uma fantasia bastante divulgada, sendo imaginadas não como ondas das linhas registradas no papel, e sim como ondas invisíveis ao redor da cabeça. O signo gráfico, torna-se objeto movendo-se para fora do corpo. O estado de espírito que propicia o aparecimento das ondas alfa no EEG tem sido chamado por alguns autores de “estado alfa”⁴⁹.

“A parapsicologia dectetou quatro estados mentais que denominou: 1) nível beta, 2) nível alfa, 3) nível teta, 4) nível delta”⁵⁰.

“Forças mentais podem agir como os controles remotos (peças magnéticas), pois temos uma dose de forças bioenergéticas em forma de auras (radiação de força vital interna dos seres e objetos)”⁵¹.

“O subconsciente registra tudo o que é captado diretamente pelas ondas cerebrais, as quais funcionam como um sistema de radar globalizante ... emitidas em forma de esferas que vão se ampliando à medida que se afastam do cérebro emissor”⁵².

Assemelhando-se aos achados de Moscovici na França dos anos sessenta, onde o senso comum alija a libido da representação social da psicanálise, também na representação social da parapsicologia catarinense lida-se com temas minados pela sexualidade (como neuroses) mas ela não encontra lugar no discurso. Nos raros momentos em que aparece ela tem uma concepção moralista e restritiva, consoante com preconceitos comuns sobre prostitutas e homossexuais. As doenças são vistas como punições pelo comportamento imoral das pessoas, que neste momento são rotuladas.

“A relação sexual tem, pois, um objetivo específico único: procriar e manter o casal unido para “sustentar os filhos”... “O prazer sexual ... é motivo de união e prêmio pelo esforço e dedicação à garantia da Sobrevivência da espécie”... “Ao longo da história humana, sempre que o sexo é usado para outros fins, a Natureza cobra”... “A promiscuidade e a prostituição conhecem os alarmas das doenças venéreas: é a gonorréia, é a sífilis depois. E o homossexualismo atual conhece o grito da AIDS”⁵³.

A idéia de sugestão é acrescida das idéias de “influência” e “telepatia”:

⁴⁷ Id. Ibid. p.37.

⁴⁸ Moscovici, S. (1978). Ibid. p.110.

⁴⁹ Weill, P.(org.), Kasamatsu, A., Mulholland, T., Hirai, T., Kamiya, J. e outros (1978). **Psicofisiologia da Consciência Cósmica -Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal**. Vol. III. Petrópolis: Vozes

⁵⁰ Freitas Filho, J. (1987). **Ondas Mentais, Concentração, Comportamentos Psíquicos e Distúrbios**. Itajaí: Livro de Parapsicologia e Espiritismo. p.17.

⁵¹ Id. Ibid. p.47-48.

⁵² Grisa, P.A. (1990). Ibid. p.60.

⁵³ Id. Ibid. p.49.

“- Telepatia é a transmissão de pensamento. É isso que você faz quando quer influenciar alguém, vai trabalhando em cima dele, vai convencendo, vai fazendo uma sugestão, até que o pensamento é transmitido”²³.

“Se a reação da mãe ao constatar a gravidez foi de alegria, o feto capta e participa da felicidade da mãe e do ambiente familiar, sentindo-se acolhido e aprovado”⁵⁴.

“Não sei o que há com ele, ele não para de pensar coisa ruim. Esta doença, este câncer que deu na cabeça dele foi ele mesmo que produziu, de tanto se concentrar em idéias ruins. E já está criando doença nos outros da família, é sempre esta influência negativa em cima dos outros”²³.

“- Se você for um vendedor ... imagine quanto ele [o comprador] irá beneficiar-se com a compra ... que o dinheiro investido não lhe fará falta ... Quanto mais convicção você tiver de que isto é realidade, mais fácil será para o comprador captar sua mensagem telepática”⁵⁵.

“Telepatologias são os males mentais que se comunicam telepaticamente entre pessoas, podendo ser malignas (raiva, inveja, rancor, vingança, etc.) ou benignas (preocupação, pena, superproteção, culpa, comparação, às vezes escondidas em atitudes intencionalmente positivas)”⁵⁶.

A superposição entre sugestão - fenômeno psicológico - e emissão telepática ou emissão de energias cerebrais - fenômenos que supostamente seriam físicos - está sempre presente. Parte da objetificação, pois é mais fácil imaginar ondas invisíveis que se espalham e atingem alguém, do que um fenômeno relacional complexo. Moscovici usa o conceito de coisificação, como conversão de idéias em coisas localizadas fora da mente individual, o que, para ele “é proscrita na lógica da ciência e até em alguma parte do senso comum. Mas é prescrita como um cânone do senso comum do envolvimento cultural. Portanto a coisificação coletiva é a descrição mais concisa e reveladora da idéia cultural tratada em termos de suas fontes comportamentais”⁵⁷.

O grupo que partilha da representação social da parapsicologia não a restringe somente a pessoas supostamente “sensitivas”, como o discurso introdutório sobre paranormalidade possa fazer pensar. A paranormalidade é pregada como herança genética, mas também como fruto do sofrimento humano, ampliando-se, pois, a todos os sofredores. Além disso ela pode se desenvolver por técnicas, desde que as pessoas se submetam aos conceitos do grupo e utilizem as facilidades que por ele são comercializadas:

“Há nas pessoas várias características físicas que revelam a hereditariedade paranormal: “orelha egípcia”, “mãos de curador psíquico” e outras”⁵⁸.

“O sofrimento - luta pela sobrevivência - faz desabrochar a Paranormalidade Espontânea ... após um período relativamente longo ou muito intenso de sofrimento. Desde a criança que se sentiu rejeitada no período da gestação, passando por aquelas que sofreram maus tratos na primeira infância e adolescência...”⁵⁹.

“A paranormalidade é desenvolvida por exercícios (relax) respiratórios, ouvindo fitas cassete de programação mental ou até fixando a atenção em velas acesas”⁶⁰.

⁵⁴ Fachini, I. (1993). **Auto-Estima - A Vida em Harmonia**. Florianópolis: Ed. Gênese. p.58.

⁵⁵ Grisa, P.A. (1990). Ibid. p.128.

⁵⁶ Fachini, I. (1993). Ibid.

⁵⁷ Moscovici, S. (1978). Ibid. p.112.

⁵⁸ Grisa, P.A. (1990). Ibid. p.95.

⁵⁹ Id. Ibid. p.97.

⁶⁰ Id. Ibid. p. 110.

“Quem não recebe de berço uma profunda programação genética ou de vida intra-uterina, precisa programar o Subconsciente pela Lei da Repetição. A persistência no treino leva ao sucesso”⁶¹.

O grupo-alvo do difusor da representação social é definido numa busca de ampliação máxima. Os possíveis interessados pelo tema serão justamente os que têm sofrimentos e se identificam com as crianças rejeitadas ou maltratadas. Controlar o que não dominamos em nós é a promessa deste discurso e tal controle é conseguido por meios fáceis, ao alcance de todos, desde que as pessoas aceitem os conceitos de representação social. A busca de sucesso é o que move muita gente a compartilhar da representação. Este sucesso consubstanciar-se-ia na abolição do sofrimento. Incentivar as pessoas ao treino da telepatia ou da paranormalidade é mantê-las agregadas ao grupo.

Diferentemente do que ocorre nos grupos religiosos, os líderes dos movimentos em torno da parapsicologia mostram-se merecedores do lugar que ocupam devido ao seu saber, identificando sua imagem com a dos cientistas. Moscovici chamava atenção ao fato de que o saber é transmitido com uma finalidade. Informação e influência interpenetram-se: *“... aquele que possui a ciência também possui o poder. Ele é competente, domina, é um especialista, não apenas um emissor; o outro deixa de ser somente um receptor, agora é um leigo, um profano”⁶².*

VI. Linguagem Temática da Representação

Linguagem temática é o conjunto de unidades léxicas que se prendem a uma representação social ou dela ficam impregnadas⁶³. Um breve estudo da linguagem temática da representação social da parapsicologia catarinense deu indícios de que nosso caso é mais complexo do que o da representação social de uma ciência institucionalizada, como seriam a química e a astronomia, por exemplo. Parece-me que a busca da origem das palavras usadas envolve algumas características com que Moscovici não se deparou na pesquisa sobre a representação da social da psicanálise, nos anos sessenta, na França. Isto se deve a um sincretismo vocabular no tema “parapsicologia” que lembra o das religiões brasileiras: a umbanda, o candomblé, o espiritismo kardecista. Tais religiões, coincidentemente ou não, tem uma interface com a parapsicologia, cobrindo temas comuns.

As expressões mais usadas no jargão de nossa pequena amostra (entrevistados, livros e gravações públicas) poderiam ser aglutinados em seis vertentes, quanto à sua origem.

O primeiro grupo seria o das palavras ligadas à hipnose, ao mesmerismo e a tradições ditas charlatanescas européias, mais ou menos ligadas à crença em forças magnéticas curativas.

O segundo grupo compõe-se de algumas poucas mas repetidas palavras ligadas à obra de Freud e ao movimento psicanalítico, à psiquiatria, e à linguagem de psiquiatras franceses do século XIX., como Pierre Janet.

No terceiro juntam-se palavras próprias da parapsicologia, como as usadas por Richet, Rhine e Quevedo.

⁶¹ Id. Ibid. p.127.

⁶² Moscovici, S. (1978). Ibid. p.101.

⁶³ Id. Ibid. p.236.

No quarto grupo aglutinamos palavras típicas da informática, da robótica, da eletroencefalografia e do cognitivismo, que dão ao discurso um ar tecnológico e moderno.

O quinto agrupa expressões próprias de religiões, de modo especial as usadas no espiritismo.

Por fim, num sexto grupo juntamos expressões usadas em terapias sugestivas e nos movimentos norte-americanos de auto-sugestão, comuns nos famosos best-sellers de auto-ajuda e busca de sucesso, em grande parte inspirados no clássico “*O Poder do Pensamento Positivo*” de Norman Vicent Peale⁶⁴.

Podemos organizar um quadro parcial de algumas das expressões mais frequentes usadas pelas pessoas ao falar de temas de parapsicologia em Santa Catarina, conforme segue, segundo a origem:

Mesmerismo, Hipnose, etc.:

Relaxar, regressão, transe, sugestão, suggestionar, energia, influência, concentração, magnetizar, tratamento.

Movimento Psicanalítico, Janet, Psiquiatria:

Subconsciente, complexo, consciente, regressão (a fases prévias do desenvolvimento individual).

Parapsicologia:

Telepatia, pessoas sensitivas, paranormal, percepção extra-sensorial, previsões, pressentimentos, mover a realidade (a matéria).

Informática, EEG, etc.:

Robô, programação, reprogramar, a mente é computador, ritmo alfa, ondas cerebrais, rádio-receptor, rádio-emissor.

Espiritismo:

Regressão (a vidas anteriores), outras encarnações, espíritos, corpo astral, corpo energético.

Pensamento Positivo, auto-sugestão, etc.:

Problemas (emocionais, mentais), força de vontade, controle mental, imagem mental, influir sobre a realidade (relacionalmente).

Enquanto que na França o jargão popular encontrado por Moscovici incorporava o vocábulo “inconsciente”, retirado e modificado da psicanálise, em nossa pequena amostra ele quase não aparece. Porém é popular o uso de “subconsciente”. Esta palavra, comum na obra de Pierre Janet, de pouca utilidade nos meios psicanalíticos, foi usada por Freud no fim do século passado e minimizado na medida em que a teoria foi se construindo. Uma resistência a abandoná-la pode ser sentida na captura do texto de Ey por Alberto Lyra, entusiasta brasileiro dos temas parapsicológicos ao afirmar que “nenhuma noção clara do inconsciente chegará a subtrair-se desta idéia, de que ele é um “sub-consciente” e um pré-

⁶⁴ Peale, N.V. (1994). *O Poder do Pensamento Positivo*. São Paulo: Cultrix.

consciente”. Isto é, que ele é formado do instinto e do passado”⁶⁵. A velha psiquiatria francesa, em especial a escola de Janet, ao estudar os transe histéricos, falava de personagem e de personalidade subconscientes.⁶⁶

Modernamente, o modelo da mente como um computador é um aspecto dominante do campo cognitivista⁶⁷ que se espalha sobre a linguagem cotidiana.

Na representação social, palavras saídas de meios especializados, como “subconsciente” (da psicanálise) e “programação” (termo tomado do trabalho com computadores), mantêm um leve vínculo com o sentido original - na psicanálise e na informática, no caso - mas perdem a função que tinham naqueles contextos.

O meio popular aumenta, pois, a pluralidade dos sentidos das palavras. Fica aqui aberta a possibilidade de pesquisa quantitativa sobre uma população maior, dos vocábulos conhecidos e reconhecidos, à qual não nos propusemos neste trabalho.

A linguagem para falar de parapsicologia, no âmbito do senso comum, é, pois, dada por determinadas vertentes, que se iniciam em áreas reificadas (psicanálise, cognitivismo, informática, Rhine, et.) ou em outras representações sociais (religiões, “pensamento positivo”, mesmerismo), para terminar em locuções usuais, cotidianas, locais.

Também na representação social da parapsicologia há um alter-ego social da linguagem científica, uma coletânea de dados, conversas, vocábulos que se articulam num saber. Um saber querendo se mostrar como a ciência daqueles fenômenos que não têm ciência, fenômenos rejeitados pela ciência, a cutucar a curiosidade popular ou a fazer as pessoas sofrerem.

No estudo dos temas de um jargão, Moscovici define duas categorias de palavras⁶⁸, que buscamos empregar, montando, à guisa de exemplos, o quadro relacionado ao tema “parapsicologia” abaixo:

1. Palavras Próprias
Telepatia, percepção extra-sensorial, paranormal, sensitivo.
2. Palavras assimiladas

2.1. Palavras recriadas

Reprogramar o subconsciente, telepatologia, rede de comunicações telepáticas, imagens subconscientes.

2.2. Palavras associadas (tomadas de domínios afins e atribuídas)

Subconsciente, complexo, visões, previsões, problemas, imagem mental.

⁶⁵ Ey, H. (1952). *Études Psychiatriques* (2me.ed.). I vol. Paris: Desclée de Brouwer. Apud Lyra, (1973). **O Inconsciente, a Magia e o Diabo no Século XX**. Rio de Janeiro: Record. p.26.

⁶⁶ Janet, P. (18__). *L’Automatisme Psychologique*. p.318. Apud James, W. (1971). **The Principles of Psychology**. (19^a.ed.). Chicago: Britannica.

⁶⁷ Varela, F.J. (1993). **The Embodied Mind : Cognitive Science and Human Experience**. Massachusetts: First MIT Press. p.5.

⁶⁸ Moscovici, S. (1978). *Ibid*. p.238.

2.3. Palavras derivadas (que mantêm parentesco semântico sem relação direta)

Vidas anteriores, força de vontade, vencer o medo, desejo de autonomia, alcançar o sucesso.

Nota-se que há poucas palavras em uso corrente originadas na parapsicologia clássica. Vocábulos como “fenômenos psigama”, “telecinesia” e “poltergeist”, por exemplo, não cabem na linguagem popular. Situações em que se poderia pensar em aplicar uma linguagem própria da parapsicologia são raras. Quase não aparecem em relatos nos livros dos parapsicólogos hodiernos estudados. Entre clientes parecem ser mais raras ainda as queixas de fatos estranhos, tipo “casas mal-assombradas”, fenômenos “poltergeist” ou aparecimento de poderes extraordinários como materialização ou movimentação de objetos, leitura de pensamento, etc. Muitas são as queixas de ordem psicológica e psiquiátrica apresentadas por clientes e descritas nos livros dos parapsicólogos estudados. Provavelmente por isso as palavras mais usadas são as que representam este universo de queixas, aspirações e desejos. Estamos lidando, afinal, com um universo conversável, dizível, de problemas humanos mais comuns que os de Richet, Rhine e Quevedo. Logo, não será tanto aquela parapsicologia clássica quem fornecerá o vocabulário. O tema está sincreticamente ligado a outras áreas, em especial a coisas da religião e dos conflitos da alma humana, do espiritismo (enquanto busca de respostas na fé) e da psicanálise (enquanto busca de respostas no mundo do saber sobre a alma).

VII. O Núcleo da Representação Social

Sem dúvida há o que se pode chamar de um “supra-conceito”, bem como de vários “mitos-satélites” na representação social estudada. O supra-conceito reside numa idéia de que o ser humano porta um “subconsciente” com “imagens mentais” dentro dele, o qual tem o dom de mover, mudar ou influenciar a realidade, segundo estas imagens mentais, sem mediadores, sem trabalho no sentido sociológico ou no sentido mecânico. Assim, rãs entram na casa de alguém porque esta pessoa tinha imagens de rãs na sua mente. por alguma espécie de força física (magnética, talvez) do subconsciente, as rãs são atraídas para dentro da casa. Este é o esquema da crença envolvida.

O núcleo desta representação social estaria no “subconsciente”, nas suas “imagens” e no seu “poder de influenciar” pessoas, objetos e situações.

Na representação social o sentido mágico deste “poder de influenciar” é negado. Ele é apresentado não como magia ou mistério de ordem sobrenatural, mas como fato científico. Manipular tal poder é visto como “ciência”.

Se “a língua socializada é imaginativa, mas não delirante”⁶⁹, vemos aí o quanto a linguagem popular é elástica, podendo dar formas variadas a um raciocínio que num determinado ambiente seria repudiado como paranóico, em outro seria tolerado como ingênuo e em outro ainda, seria aceito como possibilidade neste mundo tão cheio de mirabolantes descobertas que os cientistas fazem a cada dia. O senso comum não implica em linha de pensamento, não se apega a teorias. Ligar-se temporariamente a elas e trocá-las com facilidade, é mecanismo social comum. Aliás, é mecanismo social perfeitamente tolerado e aceito na sociedade brasileira: alguém pode batizar seu filho sem ser religioso,

⁶⁹ Id. Ibid. p.238.

frequêntar simultaneamente a umbanda e o catolicismo, consultar o médico e o pai-de-santo pela mesma queixa, ir ao psicólogo e ao parapsicólogo para ter garantia de uma abrangência maior aos seus problemas. Pode-se crer e não crer ao mesmo tempo, dependendo da companhia com quem se está. O chamado “samba do crioulo doido” tem sua inserção etnológica no mundo cultural brasileiro com imensa criatividade e plasticidade”. É extremamente visível no Brasil a “polifasia cognitiva”⁷⁰ atual, de que fala Moscovici, pela qual as pessoas buscam modos de raciocínio adequados a diferentes áreas, tentando estar sempre em novos domínios com que a complexidade informativa e tecnológica nos seduz.

Para a psicologia genética de Piaget, aplicada ao estudo das representações sociais, estilos cognitivos infantis remanescentes seriam reativados pela interação grupal que os favorecesse⁷¹. A estrutura dos processos intelectuais de uma representação social é semelhante à de uma inteligência concreta, infantil. Há parentesco entre a analogia, a compensação e o sincretismo infantil, observa Moscovici⁷². Porém ele coloca dúvidas sobre visões rígidas referentes ao desenvolvimento cognitivo, argumentando que conservamos, paralelamente, várias etapas cognitivas, que se manifestam em diferentes momentos, alternando-se. A coexistência de vários sistemas cognitivos num indivíduo é a regra, e não a exceção, usamos vários registros lógicos, que variam segundo o grupo ou o assunto que abordamos. Não se pode, pois, dizer que um pensamento concreto, infantil, em si seja psicótico, quando socialmente compartilhado.

Mitos-satélites da representação social da parapsicologia seriam, por exemplo, o da “*regressão até chegar ao complexo*” durante relaxação hipnótica, o da existência de um “*tratamento de reprogramação do subconsciente*” (em “duas sessões” ou por “ouvir fitas cassete de reprogramação”) e o da possibilidade de “regressão a vidas anteriores”, onde nosso espírito já esteve encarnado.

VIII. Ilusão, Conforto e Busca

Oscar Quevedo, Boaventura de Kloppenburg e outros padres e irmãos maristas nos anos sessenta e setenta abriram o campo do discurso sobre a parapsicologia nos meios católicos. Fizeram adeptos e foram admirados. Divulgaram um vocabulário que recheou a representação social da parapsicologia.

Este vocabulário presta-se também para a montagem de uma “*dramaturgia de imagens e sentimentos*” através de identificações, pela palavra em si ou por agregados dela, como o tom de voz, a associação a temas e sons de infância, do catecismo, dos colégios religiosos, dos seminários diocesanos, do sempre presente espiritismo brasileiro. Evoca reminiscências do enigma, do mágico, do sagrado e do poder, presentes no mundo social da infância e da adolescência.

O parapsicólogo, criado no mundo desta linguagem, tem algo de padre, que lhe facilita montar identificações e atuar hipnótica e sugestivamente, como no poder do sacerdote, no mana.

⁷⁰ Id. Ibid. p.287.

⁷¹ Id. Ibid. p.281.

⁷² Id. Ibid. p.280.

A parapsicologia dos anos sessenta era movida pela dúvida. Haveriam fenômenos extra-sensoriais verdadeiros? Eles poderiam ser observados, replicados em laboratório, estudados por métodos quantitativos? Poderia a parapsicologia vir a se tornar uma ciência descritiva de tais fenômenos, como a astronomia é uma ciência descritiva, por exemplo? Ou ela poderia chegar a mais, a ser uma ciência experimental?

Os textos dos parapsicólogos hodiernos que estudamos pulam por cima de todas estas dúvidas. No lugar delas, instaura-se um discurso efusivo, da descoberta já feita por alguém nunca citado. Traz a segurança de já ter a resposta para todas as dúvidas da parapsicologia. Eliminada a dúvida a parapsicologia passa ser atividade interpretativa da vida humana. Conserva todo o rótulo de “parapsicologia” sem manter os conteúdos. No lugar da dúvida que move o impulso da pesquisa aparecem as certezas da fé e da imaginação. Conclusões já aceitas de antemão são rerepresentadas como provas de si mesmos. Como nos mostra Moscovici, ao discutir a causalidade e a coerência formal, não há conclusão, no senso comum, de um raciocínio. Ou a conclusão sempre existiu, o que dá no mesmo. A certeza, a conclusão, penetra todos os níveis. O raciocínio fica previamente formado, as respostas previsíveis e conhecidas antes de se formarem as perguntas. “O estilo intelectual”, nestes casos, diz Moscovici, “*é mais um estilo de afirmação do que de demonstração, de progressão*”⁷³.

Popularmente, fala-se, pois, por trás do título de parapsicologia, principalmente de temas da religião, da medicina, da psicologia e da psicanálise, das angústias e dos conflitos humanos. A representação social, aqui, como em outras situações⁷⁴, deixa à margem o conceito de libido, próprio da psicanálise, e evita entrar em questões que envolvem a sexualidade. “*O choque com os valores estabelecidos requer uma eliminação do princípio fundamental*” da teoria psicanalítica⁷⁵.

A penetração na sociedade dos temas ligados a psicanálise, psicologia, neurociências e eletroencefalografia pode ser avaliada pelo uso corrente de palavras originárias destas vertentes, na linguagem cotidiana.

Detectamos, pois, uma defasagem entre a proposta contida na literatura clássica da parapsicologia (Richet, Rhine, Quevedo, por exemplo), e sua representação social atual, bastante popular.

Por outro lado, detectamos coincidência com vocabulários, crenças e métodos próprios do mesmerismo do século XVIII e início do século XIX. Detectamos a presença, em vocabulário, crenças e procedimentos, dos movimentos sugestivos da linha do “pensamento positivo” e do “controle mental” outras duas fortes representações sociais entre a população brasileira.

Poder-se-ia dizer que esta representação social da parapsicologia é uma sombra da medicina, que alguns de seus adeptos e divulgadores visam curar, fazer tratamentos, num modelo médico? Que sob o título de parapsicologia, esta representação social recapa representações mais antigas, já usadas por Mesmer? Ou que esta representação social, como outras parecidas, seria apenas uma variante da representação do mesmerismo?

De qualquer forma, a representação em pauta não deixa de ser um enfrentamento construído pelo senso comum, a sofrimentos, impotências e medos seculares da humanidade.

⁷³ Id. Ibid. p.264.

⁷⁴ Id. Ibid. p.124.

⁷⁵ Id. Ibid. p.124.

Penetrando em alguns setores da sociedade, constitui-se, a representação social, em meio de influenciar pessoas. Aí está o seu status instrumental. Mas ela será instrumento de quem e para que?

Cada grupo de interessados em divulgar o tema tem, ao seu jeito, a sua parapsicologia. Assim, ela é definida como dividida em linhas - espírita, católica, independente, etc., - para subdividir-se em grupos aglutinados em torno de alguns divulgadores. Redes de significações se constituem em torno do tema, transformando-o em fato social de maior ou menor significado. Influência, persuasão, sugestão, são temas na vida religiosa, no marketing, nos best-sellers de auto-ajuda e entre interessados em parapsicologia.

O que fixa e distingue a parapsicologia aos olhos dos grupos sociais? O que ela tem em comum com religião, marketing e auto-ajuda?

Pode-se dizer com certeza que a representação social da parapsicologia superpõe-se e ocupa área conjunta com o tema do “controle mental” versão dos anos noventa do “pensamento positivo”. Há um núcleo lingüístico comum. E mais do que isso, uma lógica de senso comum parecida habita em ambos.

As representações sociais são produzidas coletivamente, assim como as ideologias, as ciências, as técnicas. Há indivíduos que têm um papel maior ou menor como criadores, divulgadores ou modificadores de representações sociais. Moscovici considera que na teoria é pouco importante saber “quem cria” a representação social. É mais importante saber “por que se produzem” representações sociais. Por que são aceitas e difundidas? Que função tem para as pessoas que se apegam a elas?

Em comum com a religião, o que temos aqui é a abertura para falar e ser acolhido, ter quem lhe ouça e lhe fale, sentir-se em casa, em família, ter pais idealizados e irmãos imaginários.

Cria uma forma aceitável de falar sobre assuntos pessoais de abordagem difícil, deixando os sentimentos virem à tona.

Em comum com o marketing e os best sellers de auto-ajuda há a idéia de que problemas se resolvem sem esforço, magicamente. Há também o alento, a esperança que, mesmo sendo ilusória, conforta.

Presente como denominador comum, está o discurso hipnótico. O ser humano, descontente com o seu eu, perdido na complexidade tecnológica e científica do mundo, que falha em dar a felicidade prometida, anda em busca de vínculos afetivos.

Sigmund Freud⁷⁶ mostra que tais vínculos aparecem, de forma pouco clara mas intensa, nos fenômenos de sugestão e de hipnose. Estes vínculos são relações dessexualizadas mas amorosas. Neles as pessoas abandonam sua individualidade por esta pista de amor, esta hipnose de compreensão que se infiltra na relação. Apostam nela, acham ali uma possibilidade de explicação e amparo.

Representações sociais deste tipo produzem-se, são aceitas e difundidas justamente por tocarem diretamente nestas necessidades humanas, criando vínculos afetivos e de saberes imaginários. Organizam, em um grupo real ou fantasioso, em um grupo cognitivo, os impulsos, as carências e as necessidades de amor que as pessoas têm. Localizam, pelos jargões cúmplices, pela linguagem compartilhada, pela ideologia difundida, os problemas humanos que deixam de ser sofrimentos individuais para serem coisas grupais, atributos da humanidade, fatos da natureza.

⁷⁶ Freud, S. (1976). Ibid.

As atividades terapêuticas baseadas na representação social estudada nem sempre se propõem a ser grátis. Diferem, portanto, da assistência dada por igrejas e por rituais de crenças ancestrais, como as simpatias e os benzimentos. Separam-se bem do que Durkheim chamou de “representações coletivas”, baseadas em tradições culturais seculares. As representações sociais alimentam-se das linguagens das ciências e das tecnologias modernas.

Como formas de atenção a problemas de saúde e a problemas emocionais, as atividades terapêuticas baseadas na parapsicologia não se diferenciam muito dos outros sistemas terapêuticos populares⁷⁷. Tanto se opõem à medicina e à psicologia oficiais quanto as complementam, pois entram nas vagas deixadas pela carência de oferta de psicólogos, psiquiatras e clínicos gerais acessíveis e capazes de relacionar-se com discursos solicitantes e emocionados. Concorrem com outros serviços, além dos oficiais: competem com a atenção que as religiões prestam à área da saúde e da psicologia, movimentos pentecostais e carismáticos.

Alternativas desta ordem, baseadas em representações sociais simples e mágicas - mas com linguagem de palavras científicas - permitem à população conviver com o mundo reificado da medicina e da psicologia eruditas e, ao mesmo tempo, manter uma reserva de explicações da ordem do senso comum.

Mais do que uma forma de “*subtrair-se à imposição da visão de mundo das classes dominantes*”⁷⁸ há questões psicossociais, no caso, que nos remetem ao velho tema das ligações entre estar amando e hipnose.

Referências Bibliográficas

- ABRIC, J.C. **Pratiques Sociales et Représentations**. Paris: Presses Universitaire de France, 1994.
- ALEXANDER, F. **História da Psiquiatria**. 2ª ed. São Paulo: IBRASA, 1980.
- ANDRADE, H.G. **Parapsicologia Experimental**. São Paulo: Ed.Calvário, 1967.
- BACHRACH, A.J. **Introdução à Pesquisa Psicológica**. 4ª.ed. São Paulo: E.P.U, 1975.
- BANGERTER, A. **Rethinking the Relation Between Science and Common Sense: a Comment on the Current State of SR Theory**. Papers on Social Representations, v.4, p.61-78, 1995.
- BREAKWELL, G.M. **Social Representation and Social Identity**. Papers on Social Representations, v.2, n.3, p.198-217, 1993.
- CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CARNEIRO, A. **O Mundo Misterioso do Hipnotismo**. São Paulo: EdArt, 1963.
- CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- EY, H. (1952). *Études Psychiatriques* (2me.ed.). I vol. Paris: Desclée de Brouwer. Apud LYRA. **O Inconsciente, a Magia e o Diabo no Século XX**. Rio de Janeiro: Record, 1973.

⁷⁷ Loyola, M.A. (1984). **Médicos e Curandeiros**. São Paulo: Difel. p.194.

⁷⁸ Id. Ibid. p.195.

- FACHINI, I. **Auto-Estima - A Vida em Harmonia**. Florianópolis: Ed. Gênese, 1993.
- FARR, R.M. (1994). Representações Sociais: A Teoria e sua História. In GUARESCHI, P.A., FREITAS FILHO, J. **Ondas Mentais, Concentração, Comportamentos Psíquicos e Distúrbios**. Itajaí: Livro de Parapsicologia e Espiritismo, 1987.
- FREUD, S. **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GUILFORD, J.P. **Fundamental Statistics in Psychology and Education**. Nova Iorque: Mc Graw – Hill, 1942.
- GUARDO, R.M. **De Freud a Fromm**. 4ª ed. Buenos Aires: Ciordia, 1974.
- GRISA, P.A. **Paranormalidade para Todos**. 3ª ed. Florianópolis: EDIPAPPI, 1990.
- GRISA, P.A. **Liberte Seu Poder Extra**. 7ª ed. Florianópolis: EDIPAPPI, 1993.
- JAMES, W. **The Principles of Psychology**. 19ª ed. Chicago: Britannica, 1971.
- JANET, P. L'Automatisme Psychologique. p.318. Apud JAMES, W. **The Principles of Psychology**. 19ª ed. Chicago: Britannica, 1971.
- JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- KLOETZEL, K. **Clínica Médica - Raciocínio e Conduta**. São Paulo: EPU, 1975.
- LOYOLA, M.A. **Médicos e Curandeiros**. São Paulo: Difel, 1984.
- MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- MOSCOVICI, S. **On Social Representations**. In FORGAS, J.P. Social Cognition - Perspectives on Everyday Understanding. London: Academic Press, 1981.
- MUSSO, J.R. **En los Limites de la Psicologia - Desde el Espiritismo hasta la Parapsicologia**. Buenos Aires: Paidós, 1961.
- PEALE, N.V. **O Poder do Pensamento Positivo**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- QUEVEDO, O. G. **A Face Oculta da Mente**. 22ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1972.
- QUEVEDO, O. G. **As Forças Físicas da Mente**. Vol. I. São Paulo: Loyola, 1968.
- RIZL, M. **Parapsicologia Atual: Fatos e Realidade - A grande Força da Percepção Extra-Sensorial**. 2ª ed. São Paulo: IBRASA, 1979.
- SÁ, C.P. **Representações Sociais: O Conceito e o Estado Atual da Teoria**. In BOCK, E. et al. O Conhecimento no Cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- SOUZA, D. (org). **Psicologia à Luz do Espírito**. Santa Maria: Imp. Universitária, 1979.
- TAJFEL, H. **Estereótipos Sociais e Grupos Sociais (Cap.7)**. In: TAJFEL, H. Grupos Humanos e Categorias Sociais. Lisboa: Livro Horizonte, 1982.
- VARELA, F.J. **The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience**. Massachusetts: First MIT Press, 1993.
- VASILIEV, L.L. **Os Misteriosos Fenômenos da Psique Humana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- WEILL, P.(org.), KASAMATSU, A., MULHOLLAND, T., Hirai, T., KAMIYA, J. et al. **Psicofisiologia da Consciência Cósmica -Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 1978.
- WOLBERG, L.R. **Hipnoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, 1968.